



“Afirmo com alegria que sou negra a dez anos”: A construção da negritude na mulher negra em *Quando me Descobri Negra* de Bianca Santana¹

Mahyra E. Sá²

Graduanda em História (UFPB)

 <https://orcid.org/0009-0000-2158-8227>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 5 de março de 2025

RESUMO

O mundo pós-abolição continuou marcado pelas cicatrizes profundas de um regime escravista que, no Brasil, durou 388 anos e cuja essência nunca foi completamente abandonada. Nesse contexto, o presente trabalho busca abordar a relação da mulher com a sua negritude e como ela é capturada no livro *Quando Me Descobri Negra*, utilizando os relatos e crônicas da obra para exemplificar as experiências vividas. Para isso, o estudo se apoia em autores como bell hooks (2019), Kabengele Munanga (2012), Gayatri Spivak (2010), além de teóricos que contribuíram para a arte como Susan Sontag (2020), Maurice Blanchot (2011), e Gilles Deleuze e Félix Guattari (2020). Aqui aprofundo a percepção das nuances da identidade negra feminina e reforço a importância de valorizar essas histórias dentro do contexto histórico brasileiro tendo em mente que a análise do livro,

¹ Pesquisa concluída e resultado do PIVIC *História, arte literária e política: a literatura como fonte* especificamente do plano de trabalho *História e Literatura: Quando me Descobri Negra*. Agradeço principalmente as duas mulheres que fizeram essa pesquisa: minha orientadora Telma Cristina Dias Fernandes e Bianca Santana por ter escrito palavras que com certeza mudaram a vida de outras mulheres e meninas negras.

² Graduanda em Licenciatura em História na universidade Federal da Paraíba. Bolsista PIBIC-UFPB e ABPN. Pesquisadora da ProjetAH e do NEABI UFPB.



dentro do escopo desta pesquisa, evidencia como a literatura pode ser uma poderosa ferramenta de resistência da mulher negra.

PALAVRAS-CHAVE

Negritude; Literatura Afro-brasileira; Literatura como fonte histórica.

Introdução

“Tenho trinta anos, mas sou negra há dez”.³ Assim se inicia o primeiro relato do livro *Quando Me Descobri Negra*, uma narrativa com a descrição de como foi a virada de chave mental da própria autora em relação à sua identidade racial. Publicado originalmente em 2014, Bianca Santana traz em seu livro a captura de acontecimentos que são singulares na vida de pessoas pretas e configuram situações que não são novidade no dia a dia dessas pessoas, moldam a perspectiva de cada uma, principalmente quando se pensa no autoconhecimento e valorização da sua raça e de todas as nuances que a cercam. Em suma, o livro trata de histórias mescladas do sentimento doloroso, mas às vezes reconfortante, de entender a aceitação da negritude, mas o que seria essa negritude?

³ SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. 2ª ed. São Paulo: Fósforo, 2023. P. 23.



Descrito como uma “reação racial negra contra a agressão branca” por Kabengele Munanga⁴ aqui trabalho a negritude de acordo com o pensamento do antropologista brasilo-congolense utilizando o livro *Negritude: usos e sentido* como importante aporte para pensar a negritude pelas palavras de uma mulher negra. É importante a inserção do livro *Olhares Negros* de bell hooks para pensar o que a autora chama de um “olhar opositor negro”⁵ que dialoga com como Munanga propõe pensar negritude exatamente indo de confronto à lógica da colonização - pensando aqui também a decolonialidade de Spivak⁶ - para que as questões da negritude possam ser discutidas a partir de um olhar negro.

Como resultado de uma das pesquisas do projeto *História, arte literária e política: a literatura como fonte*, meu objetivo é compreender a obra literária *Quando Me Descobri Negra* e explorar suas contribuições para a historiografia. O foco esteve em analisar como o livro aborda a experiência da mulher negra, particularmente no que diz respeito à negação de sua identidade por um longo período e o subsequente processo de autoafirmação. Através dos relatos pessoais de Bianca Santana e das experiências de outras pessoas registradas nas páginas do livro, a obra oferece uma rica perspectiva sobre as barreiras encontradas por mulheres negras na busca pelo reconhecimento e valorização de

⁴ MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. 3º Ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2012. P. 3-4

⁵ HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Editora Elefante, 2019.

⁶ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



sua identidade racial. A partir dessa análise, busco contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais que influenciam a construção da identidade negra feminina, destacando a importância dessas narrativas serem inseridas na historiografia brasileira.

Aqui procuro compreender como a autora traz ao público essas experiências que abrem os olhos para a realidade de ser uma pessoa negra, em uma obra onde a mulher negra tem os seus dilemas compreendidos pela escritora, que apresenta experiências próprias, de outras pessoas e de relatos que misturam o fictício com o vivido. Logo, se questiona seria: ser negra é algo ruim? Quais os motivos da autoidentificação ser um processo demorado e, de certa forma, doloroso? Existe algum caminho considerado simples para a compreensão da negritude da mulher negra? Essas e outras indagações direcionaram o caminho percorrido por esta pesquisa, que trata de uma temática tão importante.



“Conectadas por um turbante”: A literatura Afro-brasileira como fonte

A aceitação da literatura como uma fonte histórica válida pelos pesquisadores ainda sofre uma resistência considerável pela comunidade, pensando em uma historiografia tradicional. Apesar disso, o campo vem se consolidando desde o fim do século passado, contrastando com as fontes históricas "tradicionais". Entre os muitos debates sobre se a literatura deve ser vista como representação ou apresentação, esta pesquisa opta trabalhar com a literatura como apresentação, pensando principalmente como o livro pode ser posto como uma fonte historiográfica valiosa⁷. A interação do livro com teóricos voltados para a análise da arte literária como um documento histórico que carrega marcas de sua contemporaneidade e de seu passado é abordada, utilizando uma bibliografia que busca entender o processo de compreensão de ser uma mulher negra a partir do livro que serve de base para esta análise.

Aqui, o objetivo seria pensar os limites e possibilidades que poderiam ser explorados neste estudo, com as particularidades e potencialidades de cada obra. Ao me

⁷ BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Álvares Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.



deparar com o meu livro, a temática racial imediatamente me atraiu, e as sensações transmitidas pelo livro me lembraram das minhas próprias vivências⁸.

Para esta pesquisa, compreendo a existência de uma literatura afro-brasileira que, conforme cunhada por Conceição Evaristo⁹, foge do caráter de uma literatura universal. Trata-se não apenas de uma literatura afro-brasileira, mas também de uma literatura de autoria feminina negra, que se diferencia significativamente das demais. A literatura de autoria feminina negra, em particular, oferece uma perspectiva única e valiosa que frequentemente é ignorada nas narrativas hegemônicas¹⁰. Ao escolher trabalhar com essa abordagem, a pesquisa busca valorizar e amplificar essas vozes, contribuindo para uma compreensão mais rica da sociedade.

Pensar a negritude nesta obra é uma forma de aprofundar a análise das diversas narrativas presentes no livro, com foco central na vida de mulheres negras. Este estudo parte do entendimento de que a literatura deve ser analisada como um campo que valoriza as especificidades das experiências dessas mulheres, alinhando-se ao conceito de

⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia*. Tradução de Bento Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 3ª edição. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2020.

⁹ EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*. v.13, n. 25, 2009, p. 17-31

¹⁰ PITAS, Janaina Rodrigues. A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica. *TEL Tempo, Espaço e Linguagem*, v. 13, n. 2, p. 13-34, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/19922>. Acesso em: 2 de mar. de 2024.



interseccionalidade¹¹. Nesse contexto, a interseccionalidade revela como opressões de gênero, raça e classe se cruzam, moldando as vivências e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras.

A escrita de autoras como Bianca Santana é essencial para revelar nuances muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas tradicionais. Ela expõe, de maneira contundente, as expectativas sociais impostas às mulheres negras, que vão além das diferenças de tratamento em relação aos homens negros, destacando o papel de mães e cuidadoras. Essa perspectiva, capturada de forma detalhada e sensível no livro, reforça os desafios que permeiam as caminhadas dessas mulheres, tornando a literatura uma poderosa ferramenta para compreender e enfrentar as múltiplas opressões que atravessam suas histórias.

Além disso, a interação com teóricos(a) que contribuíram para a arte como Maurice Blanchot¹², Susan Sontag¹³, Gilles Deleuze e Félix Guattari¹⁴ enriquece a análise, permitindo uma compreensão mais profunda da relação entre literatura, identidade e memória. As contribuições desses teóricos são fundamentais para entender a

¹¹ O conceito de Interseccionalidade abordado por Carla Akotirene (2019) começa a ser discutido nos Estados Unidos por mulheres negras desde o século passado. Quando chega ao Brasil, a intelectual acrescenta na discussão o marcador da religião discutido no nosso país, e importante para o debate. Dessa forma, a interseccionalidade seria as maneiras diversas de oprimir as mulheres negras, de acordo com suas subjetividades, no que diz respeito às identidades.

¹² Op. cit, 2011.

¹³ SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 2020

¹⁴ Op. cit, 2020.



complexidade das experiências narradas na literatura, especialmente quando se considera a influência de suas ideias sobre a subjetividade, a resistência e a desconstrução de narrativas hegemônicas.

Quando esses conceitos são combinados com os pensamentos de Kabengele Munanga¹⁵, bell hooks¹⁶, Ynaê Lopes dos Santos¹⁷, Conceição Evaristo¹⁸, Gayatri Spivak¹⁹ e outros, a análise se torna ainda mais rica e multifacetada. Essas narrativas servem de suporte teórico para dialogar com os temas substanciais dessa pesquisa, como a valorização de vozes subalternas²⁰, a autoafirmação da negritude²¹ e uma perspectiva histórica da posição da mulher negra no Brasil²², colocando a literatura como um importante instrumento de resistência e valorização de narrativas negras.

¹⁵ Op. cit, 2012.

¹⁶ Op. cit, 2019.

¹⁷ DOS SANTOS, Ynaê Lopes. *Racismo brasileiro: uma história da formação do país*. Todavia, 2022.

¹⁸ Op. cit, 2009.

¹⁹ Op. cit, 2010.

²⁰ Op. cit, 2010.

²¹ Op. cit, 2019 e Op. cit, 2012.

²² Op. cit, 2022.



“Essa autoafirmação não é o que se espera de uma mulher que busca sucesso profissional”: Negritude, mulheres negras e a redefinição de suas narrativas

Quando Me Descobri Negra é uma obra poderosa que apresenta uma visão rica e complexa das vidas negras. O livro, ao misturar os relatos e histórias de diferentes pessoas com os da própria autora, revela as variadas formas como a pessoa negra é tratada na sociedade e como esse tratamento dificilmente é compreendido de imediato por essas pessoas. Seja por ideias reproduzidas por familiares durante a criação ou por falas de pessoas que passam pela vida, com as melhores intenções ou não, o racismo cotidiano coloca muitas pessoas em uma posição de não se enxergarem como realmente são. Esse processo nem sempre é uma negação consciente, mas comumente ocorre devido à internalização de percepções impostas pela sociedade. Ao compartilhar histórias de dor, resistência e descoberta, Bianca Santana evidencia o impacto profundo do racismo estrutural e das microagressões no cotidiano das pessoas negras com narrativas que revelam como, muitas vezes, a negritude é percebida através do olhar do outro, o que pode distorcer a autoimagem e atrasar o processo de autoidentificação.

No relato chamado "O racismo do dia a dia escancarado no meu cabelo", Santana trata dessa questão ao contar como sua avó prendia sempre o seu cabelo para trás,



garantindo um aspecto mais "arrumado" nele. Algo que, depois de algum tempo, sua filha começou a fazer também devido aos comentários de amigas na escola. A evolução das discussões sobre racismo e o empoderamento da mulher negra são importantíssimos, já que o próprio ambiente escolar da filha da autora procurou reverter a situação, tentando amparar os sentimentos da criança que passava por uma situação tão delicada. A conversa com a sua filha é utilizada para exibir tal ponto, ao dizer:

–Mãe, você já reparou que nenhuma das minhas amigas tem o cabelo como o meu?

A dureza da resposta foi compartilhada com a escola. Professora, orientadora e equipe pedagógica prepararam um projeto consistente e muito bonito a partir das músicas da MC Sophia. Uma professora negra trouxe uma boneca negra de tranças azuis para a roda e minha menininha terminou aquele ano lenitivo de tranças azuis também. Depois das tranças, o cabelo solto voltou a ser motivo de orgulho da pequena e a educação se reafirmou como possibilidade concreta de transformação para mim. [...] O racismo nosso escancarado se transforma, cada vez mais, na celebração da beleza dos cabelos de todo tipo.²³

Esse acolhimento oferecido pela escola evidencia que, ao adentrar o século XXI, o Brasil se torna, por um lado, mais consciente de sua negritude e, por outro, mais ciente do seu próprio racismo²⁴. Isso é refletido no cerne do livro, especialmente no capítulo final, intitulado “E antes de me despedir”. Nele, Santana questiona diretamente: “Você se lembra quando foi racista com uma pessoa negra?”²⁵. A indagação proposta pela autora

²³ SANTANA, 2022, p. 34-35.

²⁴ SCHMIDT, Simone Pereira. Mulheres, negritude e a construção de uma modernidade transnacional. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, p. e58957, 2019.

²⁵ (Santana, 2022, p. 96)



não busca apenas apontar casos isolados de racismo, mas incita uma reflexão mais profunda e desconfortável: não se trata de questionar se alguém foi racista, mas sim reconhecer e refletir sobre quantas vezes esse tipo de violência foi praticado, muitas vezes de forma inconsciente. Ao colocar o foco na frequência e na normalização do racismo, ela desmascara a falsa noção de que o Brasil é uma “democracia racial”, uma ideia que há muito tempo esconde as desigualdades e as injustiças enfrentadas pelas populações negras. Santana não está apenas narrando experiências individuais, mas também está questionando o leitor sobre a própria participação na perpetuação de sistemas opressivos.

No século XIX e XX, com o fim da escravização e o início da república, imaginava-se um Brasil moderno, que surgiu, porém, guiado por um constante anseio por um Brasil branco, como demonstrado nas políticas de embranquecimento de João Batista Lacerda em 1911²⁶. Nesse cenário de pós-abolição, marcado pela produção industrial, formação da nação brasileira e consolidação dos sujeitos trabalhadores/operários, era raro que pessoas negras, especialmente mulheres negras, ocupassem espaços de produção artística e intelectual. É importante lembrar também das ideias levantadas por Hebe Mattos²⁷ ao refletir sobre a presença de intelectuais negros após a abolição da escravidão, uma vez que muitos nomes que tiveram algum destaque no século XIX foram prontamente apagados.

²⁶ Op. cit, 2022.

²⁷ MATTOS, Hebe. Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista no Brasil. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial*, volume III: 1870-1889. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.



A importância dessas figuras estava diretamente ligada aos movimentos emancipacionistas e abolicionistas, o que levou ao esquecimento de personalidades que, se tivessem tido o espaço adequado, poderiam ter tido um impacto ainda maior na sociedade brasileira após 1888.

Entretanto, algumas mulheres escapavam dessa lógica ao participarem de coletivos negros que lutavam por seus direitos. Um grande exemplo é Laudelina, nascida em 1904, cuja memória é resgatada por Ynaê Lopes²⁸. Descrita pela autora como a "exceção e a regra dos lugares sociais reservados para mulheres negras no Brasil republicano"²⁹ e também como uma "leitura a contrapelo da experiência republicana"³⁰, a mineira, influenciada por suas vivências e pelas experiências de sua mãe durante a infância, integrou diversos movimentos sociais. Laudelina foi "fundadora de agremiações recreativas, sindicalista, política, membro da Frente Negra Brasileira, filiada ao Partido Comunista, soldada brasileira na Segunda Guerra Mundial, liderança do movimento de empregadas domésticas e militante da causa negra"³¹. Ela, que sempre esteve ciente do lugar em que a colocavam como mulher negra, compreendeu desde cedo que o país precisava de drásticas mudanças e não que ela se moldasse a ele. No entanto, o comum eram mulheres que, assim como a avó de Bianca Santana, tentavam se adaptar às expectativas racistas da

²⁸ Op.cit, 2022.

²⁹ (Lopes, 2022, p. 151)

³⁰ (Lopes, 2022, p. 152)

³¹ LOPES, 2022, p. 151-152.



sociedade, seja deixando seu cabelo extremamente puxado para aparentar ser mais "comportado" ou estando em famílias que falavam sobre raça, tentando ao máximo apagar sua identidade negra.

Da mesma maneira que bell hooks³² afirma em *Olhares Negros* sobre como o silêncio imposto a outras mulheres negras afetava a visão de suas similares acerca de si mesmas, principalmente tendo em mente a visão da mídia que era disseminada a respeito dessas mulheres. Santana deixa em evidência que a falta de compreensão dela mesma como mulher negra é um resultado contínuo da forma como outras mulheres negras na família dela falavam da sua cor de pele, tentando se distanciar o máximo que podiam de serem consideradas negras. No primeiro texto do livro, Bianca fala:

Minha mãe, formada economista, trabalhando como vendedora de uma grande empresa, foi branqueada como os jogadores de futebol negros que no século XIX passavam pó de arroz no rosto para serem aceitos nos clubes. Eu fui branqueada em casa, na escola e na universidade. Sigo causando espanto ao me reafirmar negra no mercado de trabalho. O branqueamento apaga das nossas memórias as conquistas que nós, pessoas negras, tivemos ao longo da história do Brasil. Conquistas individuais e coletivas. Afirmo com alegria que sou negra a mais de dez anos.³³

E finalmente, ao se afirmar negra aos seus vinte anos, ela abre espaço para quebrar um ciclo multigeracional que afeta grande parte das pessoas pretas brasileiras. O cunho autobiográfico da primeira parte do livro oferece uma perspectiva ainda mais profunda

³² Op. cit, 2019.

³³ (SANTANA, 2023, p. 25 – 26.



desses acontecimentos, gerando uma tensão entre as vivências objetivas e a relação com o subjetivo³⁴. No entanto, é fundamental lembrar que *Quando Me Descobri Negra* não é uma autobiografia, mas sim uma forma que Bianca Santana encontrou para transmitir o sentimento principal da obra: dar voz a experiências ignoradas na literatura e na vida real.

Como a autora mesma afirma, “contar a minha história é um ato político”³⁵. Isso significa que a obra de Santana é complexa e vai além do simples relato autobiográfico; no entanto, ao incluir sua própria história, o livro se torna ainda mais pessoal. As sujeitas negras, por meio de suas histórias, criam novas narrativas ao se colocarem também nessa produção, em uma prática que remete ao conceito de "escrevivência" de Conceição Evaristo³⁶. Esse termo, que reflete a escrita que emerge da vivência, é fundamental para entender como as mulheres negras estão utilizando a literatura para construir e compartilhar suas próprias histórias, rompendo com a invisibilidade histórica. Para isso, utilizamos conceitos novos e apropriados à nossa realidade para construir possibilidades de rupturas com a colonização e os conceitos hegemônicos, especialmente através da linguagem³⁷.

³⁴ MUSQUIM ALCÂNTARA DE OLIVEIRA, Priscila; DE OLIVEIRA, Alexandre Luís. Sedução e desafios da biografia na História. *Faces de Clio*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 168–180, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/facesdeclio/article/view/26427>. Acesso em: 16 jul. 2024

³⁵ (Santana, 2023, p. 29)

³⁶ EVARISTO, Conceição. *Becos de memória*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

³⁷ BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.



O fato do livro não se limitar apenas à experiência pessoal da autora é de extrema importância para análises que dialogam com a vida de Santana com a de outras pessoas. As histórias dessas outras pessoas são igualmente significativas para demonstrar que a negritude suprimida pelo racismo não é uma experiência exclusiva da mulher negra de classe média, fora do contexto periférico. A história de Fabiana, no capítulo “Mulher Maravilha”, na segunda parte do livro, oferece uma perspectiva diferente sobre a negritude de sua filha Malu, vista a partir da experiência de uma mãe branca casada com um homem negro. Fabiana sempre soube que ouviria comentários sobre as características de Malu, que tem a pele bem mais escura que a sua, e infelizmente se sentiu impotente ao não conseguir defender sua filha em um desses momentos.

O capítulo narra um episódio durante o carnaval, em que Malu, vestida de Mulher Maravilha, vive um momento de alegria com sua mãe. No entanto, a celebração é interrompida quando Fabiana ouve alguém comentar que Malu parecia uma Mulher Maravilha que havia “pegado muito sol”³⁸. Santana descreve a reação da mãe diante da situação: “Ficou em choque. Silenciou. Grudou na filha. Quis voltar para casa. Voltou. Sentiu culpa por não ter reagido. Teve medo por tudo o que a filha ainda pode passar. Mas pior foi ser obrigada a encarar a verdade.”³⁹. A verdade que Fabiana menciona é a dura realidade de que, apesar do discurso de igualdade racial no Brasil, o país permanece

³⁸ SANTANA, 2022, p.52.

³⁹ SANTANA, 2022, p. 52-53.



profundamente desigual para pessoas como sua filha, que queria apenas aproveitar o carnaval fantasiada de uma personagem que admirava.

Essa multiplicidade de relatos reflete a vasta diversidade das experiências negras no Brasil, revelando como o racismo opera de maneiras distintas, afetando pessoas negras de variadas origens e contextos socioeconômicos. Cada história presente em *Quando Me Descobri Negra* é uma peça de um mosaico maior que expõe as complexidades e nuances da negritude no país. Santana, ao reunir essas vivências, não apenas mostra que a negritude é um campo de batalha diário, onde o enfrentamento ao racismo é constante, mas também destaca que essa luta é, simultaneamente, um espaço de resistência e afirmação.

Essa resistência se manifesta na capacidade de transformar dor em força, e na criação de um legado que busca abrir novos caminhos para que as gerações futuras possam trilhar uma jornada menos marcada pelo sofrimento. Ao dar visibilidade a essas experiências, o livro sugere que é possível enxergar a identidade negra com a leveza e o orgulho que ela merece, sem que seja necessário passar pelas mesmas dores e desafios enfrentados pelas gerações anteriores. Santana, ao narrar essas histórias, não apenas expõe os desafios inerentes ao processo de afirmação da identidade negra, mas também celebra a força e a resiliência das mulheres negras, especialmente no ambiente literário, onde suas vozes, muitas vezes silenciadas, encontram um espaço para ressoar com potência. *Quando Me Descobri Negra* torna-se, assim, um ato de resistência em si, ao desafiar as narrativas dominantes e oferecer uma plataforma para que a negritude seja vista não apenas como



um campo de batalha, mas como um terreno fértil para o florescimento de novas possibilidades de ser e existir no mundo.

Tudo isso é possível com a quebra do tratamento que ser negro recebe na literatura. O surgimento de uma literatura afro-brasileira de autoria feminina data do final do século XIX com *Úrsula*, publicado em 1859, 155 anos antes do lançamento da primeira edição de *Quando Me Descobri Negra*, de Bianca Santana. Com essa obra, Santana se insere em uma tradição literária que, assim como outras produções negras e femininas, busca romper com estereótipos e desafiar as narrativas dominantes⁴⁰. Apesar dos contextos históricos completamente diferentes, o que conecta essas histórias são as claras críticas ao sujeito soberano⁴¹ tornando-se crucial considerar as falas da única mulher negra que recebe destaque em *Úrsula*, Mãe Suzana, em especial quando a africana relata seus sentimentos com a chegada ao Brasil:

—E esse país de minhas feições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade. [...] A dor da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades.⁴²

As críticas presentes em *Úrsula* a uma sociedade escravista e repressora não devem ser esquecidas, pois esse modelo social deixou profundas marcas em um Brasil onde se

⁴⁰ Op.cit, 2009.

⁴¹ Op. cit, 2010.

⁴² REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018. p. 121-123



afirmar negro ainda é um ato de resistência, que dificilmente ocorre de forma natural. Apesar de aparecer em poucas páginas, Susana traz à tona a memória de sua vida antes da escravidão, relembrando com carinho sua família que ficou no continente africano e a felicidade que somente a liberdade permitia. Pensar na existência dessa personagem é crucial para a presença de obras como a de Santana. O resgate de uma identidade pré-escravista na literatura, representado por Mãe Susana, pavimenta o caminho para obras como *Quando me Descobri Negra*, que trazem novas perspectivas sobre a vida da mulher negra, celebrando um caminho muito difícil de ser trilhado.

A quebra de um autotratamento pejorativo racial multigeracional é necessária e colocar essa quebra no mundo literário dá destaque para novas possibilidades e isso pode ser visto em histórias como a da filha de Bianca Santana na escola e em Malu, filha de Fabiana. Além disso, a necessidade de ainda ser passado para pessoas de novas e antigas gerações é exemplificada por Lili do capítulo “Eu sou morena”, que é a única preta entre seus quatro irmãos, e Nati do capítulo “Desculpa, Nati”, que fica extremamente feliz quando tem seu cabelo alisado, já que finalmente suas amigas vão querer brincar com ela.

Por último, percebe-se, analisando o livro e olhando para a vida diária, como bell hooks⁴³ está certa: “amar a negritude é perigoso”. Afirmar algo que muitos já internalizaram como negativo causa espanto, e adentrar espaços se posicionando principalmente como uma mulher negra causa estranhamento. Na primeira parte do livro,

⁴³ HOOKS, 2019, p. 37.



a autora deixa isso bem claro. Santana afirma: “com meu cabelo crespo e as roupas que gosto, todos os dias sou lembrada que ser professora universitária, morar em um bairro central, a casa grande, os cafés e os restaurantes de classe média não são para mim”⁴⁴. Certamente existe um caminho “mais fácil”, que é simplesmente tentar se encaixar socialmente e ser cada vez mais palatável para a sociedade, alisando o cabelo, vestindo-se de forma mais discreta e não frequentando espaços majoritariamente brancos. Porém, a luta diária por adentrar diferentes lugares e posições sociais é a melhor forma de mudar o mundo.

Considerações finais

A obra de Santana é um exemplo perfeito de como a literatura pode servir como uma forma de ler a sociedade, apontando tanto as dores quanto as conquistas das comunidades negras. Ao instigar que seu livro provoque afeto na apresentação da primeira edição, Bianca Santana consegue demonstrar muito bem a finalidade de *Quando Me Descobri Negra*. A trajetória de como cada experiência vista, ouvida e parida são importantes para moldar a visão da própria autora sobre sua identidade racial é de extrema importância para futuras meninas e mulheres negras que entrarem em contato com a

⁴⁴ SANTANA, p. 37, 2023.



escrita dela. A forma como Santana compartilha suas experiências pessoais e reflexões oferece uma poderosa ferramenta de identificação e empoderamento. Suas palavras são um convite para que outras mulheres negras reconheçam e valorizem suas próprias jornadas de autodescoberta e afirmação.

Tal declaração vem de maneira extremamente pessoal da minha vivência como mulher negra. Identifiquei-me profundamente com cada palavra escrita pela autora, pois também precisei passar por uma longa jornada de autorreconhecimento e aceitação da minha identidade como mulher negra. Assim como Bianca, que se descobriu negra há pouco mais de 10 anos, posso afirmar que me reconheço como negra há provavelmente uns 6 anos dos meus 22 anos de vida e cada palavra lida me senti cada vez mais representada nas histórias contadas pela autora.

A narrativa de Santana não só valida as experiências individuais, mas também ilumina a trajetória coletiva de mulheres negras que, muitas vezes, enfrentam desafios semelhantes em suas jornadas. Sua obra apresenta uma vida vivida não só por ela, reconhecendo as dores e conquistas de muitas Biancas e de muitas Mahyras também. Além disso, a escrita de Bianca Santana destaca a importância de dar voz às experiências negras, oferecendo uma perspectiva que muitas vezes é silenciada na literatura tradicional. Seu trabalho é uma contribuição valiosa para a construção de uma identidade negra positiva, servindo como um farol para outras mulheres que estão em busca de sua própria identidade racial. Nas palavras de Kabengele Munanga:



A libertação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. O esforço para alcançar o branco exigia total autorregulação: negar o europeu será o prelúdio indispensável à retomada. [...] Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral e física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela traços de beleza e de feiura como qualquer ser humano “normal”.⁴⁵

Portanto, *Quando Me Descobri Negra* vai além de relatar a dor causada pelo racismo. Ele celebra a transformação que ocorre quando a mulher negra se liberta das amarras da negação e se permite amar quem realmente é. O livro é uma poderosa mensagem de esperança e encorajamento, inspirando todas as mulheres negras a se apaixonarem por suas próprias verdades.

⁴⁵ MUNANGA, 2012, p. 43.